

Agda Carvalho

Artista Visual. Doutora em Ciências da Comunicação (ECA- USP). Mestre em Artes Visuais (Instituto de Artes - UNESP). Docente e pesquisadora do PPG em Design- Mestrado e Doutorado da Universidade Anhembi Morumbi. Líder do Grupo de Pesquisa Design e Corpo: Abordagens Projetuais na Arte e Moda. Membro do GIIP - Grupo Internacional e Interinstitucional de Pesquisa em Convergências entre Arte, Ciência e Tecnologia.

Edilson Ferri

Artista Plástico. Arquiteto. Mestre em Poéticas Visuais (Instituto de Artes-UNICAMP). Docente da Faculdade Impacta Tecnologia. Membro do Grupo de Pesquisa Design e Corpo: Abordagens Projetuais na Arte e Moda.

RESUMO

O texto parte da reflexão do acúmulo das informações cotidianas que nos circundam, e como estes dados podem ocasionar a alteração de uma demarcação de lugar com a experiência. A reflexão está fundamentada no projeto do vídeo/performance Reescrito (2014), que trata do registro da memória, da significação do lugar e das possibilidades perceptivas.

Palavras-chave: *Espaço, corpo, percepção*

ABSTRACT

The text of the accumulation of the reflection of everyday information which surround us, and how these data may lead to amendment of a place of demarcation with experience. The reflection is based on the video / performance project rewritten (2014), which deals with the memory record, the place and significance of perceptual possibilities.

Keywords: *Space, body, perception*

Reescrito: projeções incorporadas

Introdução

A experiência cotidiana está conectada a profusão de informações sonoras e imagéticas, onde o espaço e as manifestações corporais, fazem parte de uma intrincada cadeia de acontecimentos socioculturais, estes fatos estão relacionados com a presença e atuação do corpo no lugar. O corpo trabalha com dados que pulsam de várias direções, oscilam de intensidades e são percebidos por vários mecanismos corporais perceptivos, que vão do sensorio, e podem ser evidenciados com o auxílio da tecnologia. Continuamente são sugeridos sinais e estímulos à ação, que estão em abundância e podem agir de maneira intensamente invasiva, quando em articulação com o espaço corpóreo.

Esta nova modalidade de cotidiano é alimentada por um cortejo de relações interpessoais entre desconhecidos íntimos que desautorizam o sentido tradicional de comunidade apoiada em circunstâncias físicas de proximidade como vizinhança, tradição de costumes, regionalismo de raça ou cor, territórios linguísticos etc. (FERRARA,2002, p.68)

O organismo reage, quando exposto as distintas situações espaciais, e apresenta uma ação/reação conjugada com as experiências. A percepção destes eventos solicita a reorganização e articulação sensorial do corpo, quando este enfrenta a condição instável destes estímulos. Ao ressoar no ambiente, estes estímulos apresentam-se de forma justapostas e entrecruzadas, manifestam um estranhamento e contribuem para outra percepção do objeto e espaço.

O texto discute as situações que foram demarcadas no processo de criação e na experiência participativa do vídeo – performance Reescrito (2014) de Agda Carvalho e Edilson

Ferri. Este projeto tem início com os questionamentos de estudantes sobre a ocupação do espaço/lugar, neste caso, da UNESP de Araraquara. O espaço denominado “vão dos anfis”, configurado como um lugar de passagem, altera a sua caracterização, já que, em outro momento, suas paredes, registravam e acolhiam as manifestações e opiniões de alunos.

Ao ser informado, o lugar é também situado, ou seja, altera-se conforme o contexto: produz-se e representa-se diferentemente, conforme a cidade e as circunstâncias nas quais se insere. (FERRARA, 2002, p.19)

Esta modificação do lugar altera o relacionamento com o espaço, que torna-se distante do acolhimento anterior. Ao tratar da proposta da experiência desenvolvida no trabalho Reescrito, destaca-se que esta performance integrou a XIII Semana de Pós-Graduação em Ciências Sociais, promovida pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Nesta ocasião, um grupo de alunos foram convidados à participar da ação do vídeo performance, indivíduos que em sua maioria, nunca haviam passado pela experiência da exposição pessoal, em uma ação performática.

O presente artigo parte do projeto Reescrito e discute como as oscilações nos acontecimentos latentes, que estão ao nosso entorno, podem alterar as experiências perceptivas. Esta abordagem inicialmente aborda o processo de construção de uma fase do trabalho, ao qual aqui denominamos *reescrita/projetada*, que foi dividido em uma proposta de manifestação, em forma de cartazes escritos a mão pelos alunos. Este registro acontece duas semanas antes do processo de leitura e finalização da produção das imagens do vídeo da projeção.

Em seguida tratamos da apropriação do *espaço/lugar*, onde as relações com as ações corporais são estimuladas pela apropriação narrativa das escritas, agora transformadas em vídeo projeção, tornam-se estímulos para a exploração do lugar por meio da realização de uma performance que integra movimento corporal e vídeo projeção. E por fim, no tópico *instabilidade/interdependência* versaremos acerca das questões perceptivas por parte dos participantes após a experimentação.

Reescrita/Projetada

O evento realizado pelo programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, na XIII Semana de Pós-Graduação da UNESP/Araraquara, teve como tema “Nas Teias da Memória e da Imaginação...”, forneceu o grande mote para a criação do objeto artístico em discussão. Através dos contatos realizados com os artistas, dentro do processo de investigação, deparou-se com fatos que fundamentaram a concepção de Reescrito. Ao tomar conhecimento da história relacionada com o lugar do evento, em que alguns acontecimentos relacionados com o espaço de circulação, conhecido como “vão dos anfis”, altera a sua significação no espaço.



Imagem1: Estrutura vestível em tecido.

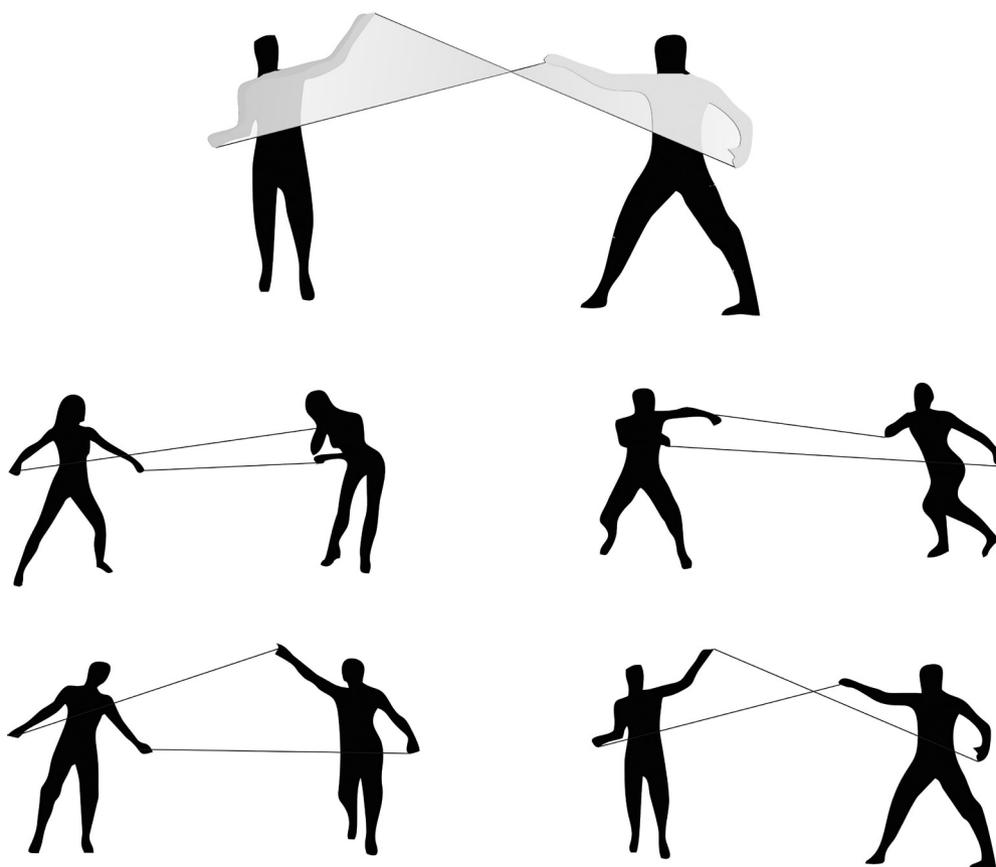


Imagem 2: Projeto dos Movimentos Reescrito.

De dia, as ruas se assemelham à consciência desperta, de noite mergulhamos em nossa vida submersa, e são as passagens que nos conduzem aos subterrâneos da alma. (ROUANET, 1992, p.66)

Este lugar oferece o caminho, que dá acesso aos anfiteatros e outros espaços do campus, de forma semi subterrânea. Este era há muitos anos reconhecido como o lugar de exposição de escritas e imagens desenhadas pelos próprios alunos. As paredes configuravam um grande painel de memória, com o registro das manifestações. Ocorre que, com a restauração do espaço, as intervenções foram ocultas e eliminadas definitivamente, proibindo e coibindo qualquer tipo de interferência em suas dependências.

As informações reveladas aparentemente estariam ocultas, entre as histórias individuais e a rotina dos espaços públicos, mas esta inibição de atitudes, referentes a um lugar, cria tensões importantes entre seus usuários e contribuem para a pulsação cotidiana. Nessa perspectiva, existe uma grande possibilidade de articulações, que podem ser transgressoras das regras estabelecidas, e caracteriza um período de adaptação provavelmente turbulento.

Na disputa velada das imposições sócio/local surgiu a possibilidade de um trabalho que tratasse destes enlaces e que pudesse, de certa forma, reviver o espaço perdido pelos alunos. Como seria impossível a escrita diretamente sobre as paredes, a decisão de escrever sobre cartazes, foi o mecanismo encontrado para receber as frases e desenhos de alguns alunos que por ali passassem nas duas semanas que antecederam o evento.

Este material gerou as imagens que foram gravadas em uma série de pequenos vídeos, nos quais se fez uma exploração das palavras e frases, de forma a respeitar um ritmo de leitura. Após o reconhecimento deste novo material o vídeo final foi posteriormente produzido agrupando as imagens de forma linear.

Na sequência foi realizada a leitura dramática do que se via no vídeo. Diferente da locução, a leitura feita por um ator, ganha a interpretação

daquilo que se vê e não do que simplesmente se lê. Assim as imagens dos cartazes gravadas em vídeo exploram o texto, na tentativa do entrosamento das vivências e das histórias cotidianas. Neste processo de construção da sonoridade acontece a representação de visualidades, que expõe estrategicamente os pontos de tensão nas frases, para compor o resultado plástico com a projeção.

O tecido flexível tensionado é uma oposição de esgotamento, e um arranjo que passa a fazer um sentido na ação. Este anteparo recebe a projeção do vídeo, como uma tela em movimento constante dos corpos na ocupação do espaço. Com a organização linear dos cartazes na edição do vídeo a disposição de expressões é introduzida pela sequência de palavras e textos. O registro da constituição dos movimentos, na relação sequencial das palavras, potencializam a experiência, que reverbera no espaço, palavras e imagens.

Espaço/Lugar

Nestas propostas o corpo que está no espaço, dialoga com a materialidade e a sonoridade, não necessariamente com as situações explícitas, mas relaciona-se com os indícios e rastros da memória, que permitem o acesso sensorial com o que está evidente na manifestação.

A performance envolve a participação de seis participantes e apresenta um encontro entre duplas conectadas por uma vestimenta de braços e cabeça nas duas pontas de um tecido único. Ou seja, com esta estrutura vestível os participantes, então conectados em duplas pelo tecido, e ganham o espaço aberto, em um certo jogo de movimentos, onde os braços, quando esticados, podem formar uma tela para receber a projeção.

Na heterogeneidade de acontecimentos, as situações e elementos tornam-se perceptíveis, por meio da dinâmica referencial entre as ações e a alternância de posicionamentos entre os corpos. Que trata da contínua troca de forças entre o corpo e o espaço, uma situação instável, que pode alterar-se continuamente.

O espaço é novamente ocupado como lugar de existência destes participantes que estão em articulação. Convertem-se em narrativas corporificadas a partir do ritmo de leitura, imprimindo a necessidade de posicionamento dos participantes na busca espacial.

Os movimentos tendem em alguns momentos a não deixar uma relação oblíqua entre os participantes, mas que praticamente se torna impossível, já que o mesmo, foi sugerido para que se explorasse a relação de forças entre as duplas, procurando assim uma movimentação favorável ao conjunto de posicionamentos

A partir das percepções experimentadas durante a performance acontece o acolhimento em relação às tomadas de decisão entre os pares, e assim sucessivamente, entre todos os participantes. A disposição observada na nova conformação e na reorganização contínua dos relacionamentos entre os corpos, é provocada em parte pela limitação de um espaço imposto pela projeção.

A imagem projetada demarca um lugar no espaço, e ao receber a projeção o corpo funciona como um anteparo, o participante reage com a manifestação de movimentos que são conduzidos, de certa forma, pelo ritmo do narrador, e assim articula com a sonoridade e com os movimentos que instantaneamente respondem as projeções.

Com efeito, já que o continente espacial é importante, o continente temporal, o momento, o é da mesma maneira, pois a escolha do objeto pertence ao acaso, ao encontro, à ocasião.
(CAUQUELIN,2005 p.95-96)

São três estruturas vestíveis utilizadas por seis participantes, como os participantes usam em pares, os movimentos são respostas, tanto do ritmo imposto pelo narrador, como das reações dadas pelo parceiro. Assim, quando um tensiona o outro, o movimento que resulta desta relação, circunscreve um desenho no espaço, pois apresenta uma reação. Esta relação entre os seis participantes elabora uma dinâmica, que revela as conexões entre os corpos e uma existência na construção da experiência no espaço.

Instabilidade/Interdependência

A ação performática e a relação com as imagens projetadas, revelam especificidades, tanto da relação dos participantes, como das conexões presentes com o lugar em uma condição de instabilidade/interdependência. A reflexão se dá a partir de uma convivência, que permite tornar mais efetivo e percebido um acontecimento, diante do processo de mudanças espaciais. A alteração do entorno incorpora circunstâncias estabelecidas a partir da vivência, dos estímulos que são apreendidos no momento da organização das narrativas.

Durante a corporificação das experiências os participantes explicitaram suas inquietações, traçaram um percurso no espaço da performance.

O corpo se apresenta, pois, não apenas como ponto de partida e fio condutor da investigação, mas como o autêntico umbigo do universo; insondável, sua natureza é labiríntica. E no entanto, ele é ao mesmo tempo o fio de Ariadne que nos guia por labirintos ainda mais abissais e inauditos, pelo labirinto do universo pensado como feixe de configurações e ramificações da infinitamente proteiforme vontade de poder. (GIACOIA Jr, 2002, p. 212)

A experiência trata da potência do corpo, e pode manifestar-se como um evento perceptivo e oscilante, com característica pendular, já que nesta atitude, os pares assimilam a consciência do peso e da atitude do outro. Nota-se que o corpo vivencia a experiência ao acessar os distintos fenômenos cotidianos.

As escolhas dos participantes, neste relacionamento performático, apresenta uma condição instável, já que entre os pares o domínio e o entendimento da estrutura vestível que é compartilhada, não atinge a totalidade. Ao mesmo tempo tem uma dependência, já que ao usar esta estrutura, um depende do outro para o deslocamento, a consciência do peso e movimentação. Gradativamente uma confiança se instala com a reorganização dos corpos, inicialmente entre os pares, e no decorrer da performance acontece uma troca entre os seis participantes. Um dos pares desloca-se do grupo e envolve o público na ação, os observadores agora estão engendrados na situação e são conduzidos pelo som, neste momento transitório de percepção do evento.

Nesta conexão com o meio circundante, os participantes movimentam-se no espaço demarcado, e seguem o ritmo sonoro, onde a experiência perceptiva, apresenta aspectos e particularidades que motivam o organismo para um acontecimento multissensorial.

Considerações Finais

Considera-se aqui que as ações que modificam um espaço, podem reverberar em processos e materializações que dilatam o sentido da nossa demarcação de lugar. Este acontecimento pode estar atrelado ao entendimento espacial e a reorganização corpórea. Os significados são ampliados e os mecanismos perceptivos, muitas vezes, estão atrelados aos dispositivos tecnológicos para registro e compartilhamento destas questões íntimas. A realização do vídeo/ performance Reescrito, inicialmente investigou os acontecimentos com a coleta que resultou em uma manifestação gráfica, de palavras e desenhos, forma e significado, que se apresentam na tensão perceptiva. O espaço é reconhecido como passagem, e as respostas as possibilidades de investigação do espaço e do corpo, manifestam-se na aproximação espacial, no reconhecimento do lugar da ação, em perceber os limites das relações, onde equilíbrio, peso e tensões estão latentes.

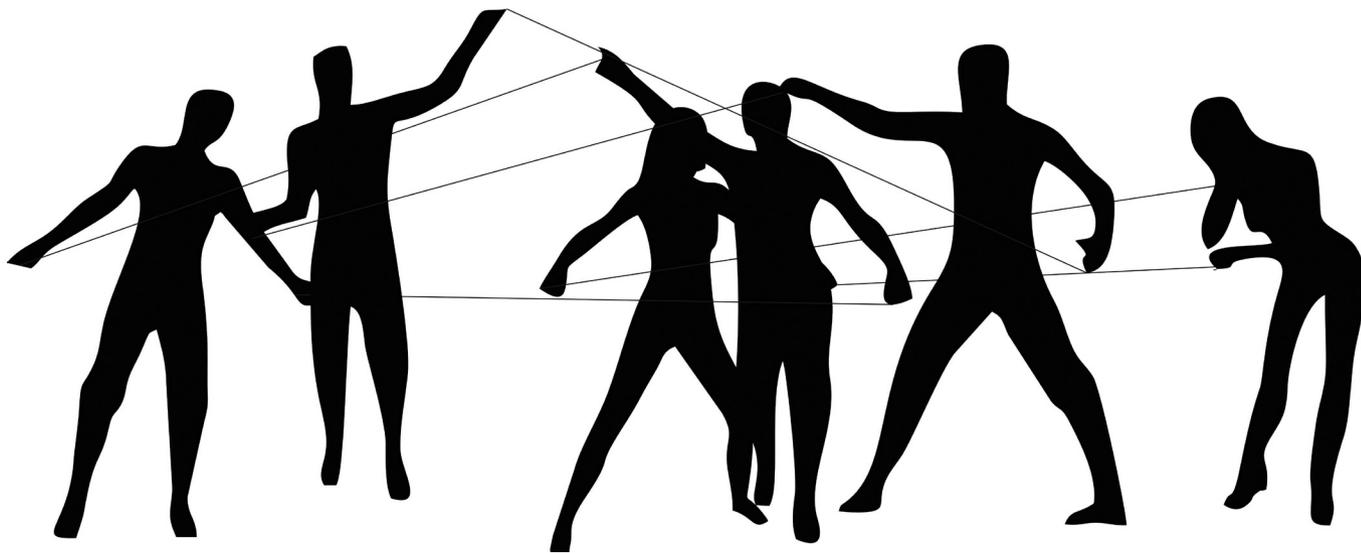


Imagem 3: Projeto Reescrito
- movimentos corpóreos.

REFERÊNCIAS

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea*. São Paulo; Martins Fontes, 2005.

GIACOIA Jr, Oswaldo. *Resposta a uma questão: o que pode um corpo?* In Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo org. Daniel Lins e Sylvio Gadelha. Rio de Janeiro: Relume Damará, 2002.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. *Design em espaços*. São Paulo: Edições Rosari, 2002.

ROUANET, Sergio Paulo; BRISSAC, Nelson. *É a cidade que habita os homens ou são eles que habitam nela*. In Revista USP. São Paulo. Set/out/nov de 1992. NUMERO 15. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/15/SUMARIO-15.htm>.> Acesso em 22 de fevereiro de 2015.

VARELA, Francisco J. *O reencantamento do concreto*. In: *O reencantamento do concreto*. Núcleo de Estudos da Subjetividade. Cadernos de Subjetividade. PUC/SP. São Paulo: Hucitec/EDUC, 2003.